

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: JESP Class.: SEIR 00 90
Data: 19/04/83 Pg.: _____



A cultura indígena, que nem sempre é respeitada e acolhida nos museus brasileiros, durante toda esta semana rompe o estreito círculo das aldeias e toma conta dos museus, centros culturais, bibliotecas, tudo isso para lembrar que se está na Semana do Índio, data continental instituída no México, durante o encontro da Sociedade Internacional Indigenista, no dia 19 de

abril de 1949. O universo estético indígena, que inspirou artistas de renome, chega à sofisticação e atinge a metalinguagem. Alheios à sociedade competitiva e de consumo dos "brancos", eles próprios jamais pensaram em frequentar as galerias de arte. A doença, porém, fez com que Amati, chefe Trumai, do Xingu (foto abaixo à esquerda), não suportasse ver o mundo através

das frestas de sua oca, e se lançasse na aventura estética, retratando sua vivência de 39 anos de selva. Sem nenhuma intenção didática, antropológica ou política, o cineasta Sérgio Bianchi registra, por sua vez, a morte na área indígena de Mangueirinha, onde hoje resta um único descendente dos Xetá (foto abaixo ao centro). E a antropóloga Heloisa Felon reuniu

vários trabalhos dos índios Karajá (um deles, na foto abaixo à direita) hoje em acelerado processo de extinção. Reportagem de ELIANA LUCENA, da sucursal de Brasília; GILSON REBELLO, da sucursal do Rio; LINCOLN RUBENS RICCI, correspondente em Tupã. Reportagem de São Paulo e texto final de LEONOR AMARANTE.



Semana para lembrar que o índio existe todos os dias

O som estridente do alto-falante insistia: *Tudo dia era dia de índio/Mas agora ele só tem o dia 19 de abril.* Essa música transcendia o galpão do centro recreativo do Sesc Campestre, no último domingo, quando alguns índios guaranis ensinavam as crianças "brancas" a fazerem colares, pulseiras, tiaras, sob os olhares atentos dos curumins da aldeia da barragem da represa Guara-pranga. Tudo isso para comemorar a "Semana Nacional do Índio", instituída no México, no dia 19 de abril de 1949, durante uma reunião da Sociedade Internacional Indigenista, data que se estende a todo o continente.

indolente. Com certeza, ele não sabe que eles podem perseguir um rastro de porco por três dias e, ao conseguir apará-lo, o assam no próprio local da captura, e voltam mais três dias de caminhada, com mais de 50 quilos nas costas. Depois dessa empreitada, ainda é capaz de rachar lenha e desempenhar outras tarefas." Lux Vidal ainda aponta a omissão do jornalismo como um dos responsáveis pela falta de informação. "Neste último domingo, um grande jornal de São Paulo dedicou seu suplemento infantil ao Dia do Índio. O que pudemos ver foi uma transcrição monótona de trechos de livros de história ou enciclopédias. Então, eu pergunto, de que adianta discutirmos diariamente as questões fundamentais, mais emergentes dessa cultura?" A antropóloga lembra ainda que o exemplo às vezes parte do próprio governo. O presidente João Figueiredo, durante o encontro que manteve no dia 14 com uma delegação da Câmara de Vereadores de São Paulo, que foi pleitear a eleição direta dos prefeitos das capitais, disse: "Elegemos um índio, no Rio, enquanto os índios do Mato Grosso elegeram um embaixador para o Senado", argumen-

abertura da Perimetral Norte, que cortou o território, responsável por parte da dizimação de algumas aldeias. Brandão sofreu um acidente de avião e morreu. Essa mostra é uma homenagem à sua garra e despojamento à causa dos Yanomamis". Haverá ainda no Sesc Pompéia a mostra "Oreyuy", que em tupá quer dizer "Nossa Terra", reunindo objetos cedidos por estudiosos e colecionadores. Lux Vidal, estudiosa da pintura indígena, diz que em algumas das peças eles atingiram um elevado nível de sofisticação estética, chegando à metalinguagem. "Os índios, organizados e conscientes politicamente, insistem na manutenção da cultura indígena tradicional e respeito pela forma, como se vem desenvolvendo, não como vitrine." Os bororos presentes no Sesc, nesta semana, venderão seus artefatos. Não aqueles que usam normalmente, com significado político, social e religioso. Sylvia Caluby, antropóloga, chama a atenção para a plumária bororo, altamente elaborada na combinação das penas. Esta tribo, como muitas outras, dedica parte de seu tempo à fatura dessas peças. Sylvia explica que, como

Bororo do Mato Grosso. Em 1974, mudou seu processo de trabalho depois do contato com os Yanomami. Foi testemunha da dizimação de várias aldeias com a criação da Perimetral Norte, que corta o território indígena, com nove mil índios na parte brasileira e outros nove mil na parte venezuelana. Uma das fundadoras da Comissão da Criação do Parque Yanomami, propôs ao ministro Andreazza a demarcação urgente das terras para salvar os índios das constantes invasões, que têm a conivência do governador do Território de Roraima. Toda a trajetória dos Yanomamis e a sua luta contra os invasores foi registrada pela objetiva de Cláudia Andujar num documentário que será lançado brevemente, dividido em duas partes: antes e depois da invasão. Separados dos Yanomamis por mais de quatro mil quilômetros, os Kaingangos do Estado de São Paulo, espremidos no pequeno espaço da colônia Índia Vanuíri, há 30 quilômetros de Tupã, mesmo com grandes dificuldades, ainda lutam para manter viva sua cultura. Cândida de Campos, nome civil da índia Lavali, 89 anos, ainda tem habilidade para colher argila no brejo

próprio universo e se lançar no mercado de arte, considerado ironicamente por alguns artistas "verdadeira selva". Amati, índio Trumai, do Alto Xingu, 39 anos, é um caso raro dentro da arte brasileira. O último grande chefe Trumai foi seu avô, que lhe transmitiu toda a responsabilidade social e histórica da tribo, mas ele pouco pôde cumprir. Amati casou, teve filhos e hoje sofre de artrite reumatóide progressiva, o que o limita. Por sugestão de um antropólogo norte-americano, Patrick, começou a pintar, e hoje, segundo Orlando Villas-Boas, seus quadros integram acervos de exigentes colecionadores de arte, que o situam além do primitivismo. Um das coleções mais importantes sobre arte indígena pertence à antropóloga Maria Heloisa Felon Costa. "Distribuído para os índios papel e guache, e colhi desenhos espontâneos feitos por eles". Agora, todos esses desenhos — mil — fazem parte do acervo do Museu Nacional do Rio e ajudam, de certa forma, a contar a história dos Karajás. Das tribos do Xingu, foram reunidos mais de 1.200 desenhos, também em guache.



Yanomani, por Rubens Brando

Programação

SESC-POMPÉIA — O Centro de Lazer do Sesc Fábria Pompéia (rua Cléia, 93) programou uma série de atividades para comemorar a Semana do Índio. As comemorações vão até o próximo domingo, e, em cada dia, uma atividade diferente. Para hoje, por exemplo, às 16 horas, Bororo Boe, um seminário de dança e canto Bororo; às 20 horas, abertura da exposição "Oreyuy" (Nossa Terra), com a presença da professora Lux Vidal, presidente da Comissão Pró-Índio; e às 20h30, a exibição do filme "Índios: Direitos Históricos", de Hermano Penna — logo após, um debate com representantes da União das Nações Indígenas e com os produtores dos filmes. MAC — "Abstração Geométrica na Pintura Indígena", exposição organizada pelo Museu Plínio Ayrosa, da USP, com a coleção de Regina Müller, fotografias de Renato Delarole e desenhos de Mônica Nador, 6º e o Museu de Arte Contemporânea (prédio da Bienal, no Ibirapuera) está preparando para mostrar ao público a partir do dia 26. MASP — Kayapó é um grupo indígena que compreende duas divisões: Kayapó Meridional, constituído por várias tribos, hoje extintas, e que habitaram o Sul do Mato Grosso e Goiás; e o Kayapó Setentrional, que veio do Centro-Sul do Pará. Os instrumentos musicais, de culto religioso, armas, utensílios domésticos e ornamentos plumários utilizados pelos Kayapó estão na exposição "Arte Kayapó", que o Masp (avenida Paulista, 1578) mostra a partir de hoje e até domingo, sempre no período da tarde. MUSEU PAULISTA — O Museu Paulista da USP (parque da Independência, sem número) exibirá, às 14 e às 16 horas, um audiovisual sobre vários grupos indígenas. Os professores e etnólogos que trabalham no Museu, por sua vez, estarão em vários locais, como o Sesc-Pompéia e escolas, para fazerem palestras. CENTRO CAMPESTRE — Desde o último dia 9, o Centro Campestre do Sesc (avenida Manoel Alves Soares, 1.100) vem desenvolvendo uma série de atividades para comemorar a Semana do Índio. A construção de uma aldeia indígena, visitas a alguns índios que ensinam a arte da cestaria e da cerâmica fazem parte da programação que, hoje, não tem nada de especial programado. Mas no dia 23 acontecerá a abertura da mostra e venda de pequenas peças do artesanato indígena. Em sua sede, no entanto, ainda está em exposição "Casa do Amazonas", formada por 54 peças, de 15 tribos diferentes. E no dia 24, às 14 horas, exibição de filmes. FOLHA DE S. PAULO — "Mato Eles?", filme de Sérgio Bianchi, em pré-estrela amanhã, às 19 horas, no auditório do jornal Folha de S. Paulo (alameda Barão de Limeira, 425), seguido de debate com a participação de representantes da Funai, Cimi, Comissão Pró-Índio, Fundação Cultural do Acre, Fundação Cultural de Curitiba e Nações Indígenas. LIVRO — "O Socialismo Missionário", de Décio de Freitas, acaba de ser lançado pela Editora Movimento, de Porto Alegre, e já está à venda em São Paulo.



Trabalho da fotógrafa Cláudia Andujar, sobre os Yanomamis, Amazonas, realizado em 1981

Daniela B. Cardoso, 13 anos, 7ª série: Não sabia nada sobre eles. Só um pouco através da TV. Ricardo Gouveias, 18 anos, 7ª série: Pescavam sem anzóis, andavam nus e tinham o corpo coberto de peles. Sílvia Abrade, dez anos, 4ª série: Conheço melhor por causa do João Soares, mas não entendo por que ele usa paletó. Valéria Hermínia Silva, 16 anos, 2ª colegial: Acho que no Brasil o índio é discriminado. Pensam que ele não é um ser racional. Aguiinaldo Ferreira, 12 anos, 5ª série: Minha professora nunca falou sobre a situação do índio, mas minha mãe diz que estão roubando as terras deles. Washington Cardoso, sete anos, 1ª série: Não sei falar nada sobre eles. Uma criança com menos de sete anos estava com medo de ser atacada por um deles, segundo a coordenadora do Sesc Campestre, Vivien Tâmara Juárez, filha de mexicanos e extremamente interessada na cultura indígena em geral. "Seu irmão havia dito que eles eram antropólogos, comiam gente." Júlio Benito, guarani, com filho deficiente mental de dez anos, condição rara entre os povos indígenas, que normalmente matam a criança defeituosa logo ao nascer, divide um estreito pedaço de terra na Guarapiranga com mais 11 famílias. Antontem ele ouvia com atenção o pai que as crianças tentavam formar e não escondia seu desaprovação. "Se eles ainda não conhecem a gente, não importa. Nós precisamos é de terra para plantar e poder comer. Somos 12 famílias guaranis espremidas." Embora indignada, Lux Vidal, antropóloga, presidente da Comissão Pró-Índio, concorda com Benito e aponta os livros escolares como um dos responsáveis pela falta de informação dos estudantes, cujos livros de história ainda mostram romanticamente os primeiros índios. Orlando Villas-Boas vai mais longe. "Acho incrível um historiador ter a coragem de afirmar que o índio era

tando que o julgamento popular no País ainda não atingiu o nível satisfatório de outras nações. Lux Vidal acha que esse pronunciamento lamentável, um "comentário que denigre o status de Juruna como deputado, como outro qualquer. Ele está numa transição muito difícil, na qual tentam manipulá-lo com requintes de exotismo e folclorismo". Para resgatar essa população "desinformada", a Comissão Pró-Índio fará no Sesc Pompéia uma programação rica e variada. Pela primeira vez será dançada a Bororo Boe, com os "mais sábios e mais velhos da tribo Bororo", Marcos Santilli responsável pela montagem do trabalho fotográfico sobre os Yanomamis realizado por Rubem Brando, que deu sua vida à causa indígena, conta um pouco de sua experiência: "Meu tio, que era médico, depois de se dedicar aos Xavantes, a várias tribos do Xingu, mudou-se com toda a família para o território dos Yanomamis, para ajudar nas epidemias, resultado da

os Bororos são historicamente caçadores e coletores, com a diminuição das terras, o artesanato passou a ser importante fonte de renda. Esta situação atinge também outras tribos como as do Xingu. Altamente criticada por vários grupos de antropólogos, acontece nesta semana, em Brasília, a feira Moitaré, que quer dizer "Troca", inaugurada pelo coronel Paulo Moreira Leal. Neste ano, a mostra inclui 241 peças da cultura Kayapó — do Médio Xingu, no Pará —, que não serão comercializadas, e sete mil de vários grupos tribais que, assim como nos anos anteriores, provavelmente serão arrematadas por estudiosos estrangeiros, atraídos pelo preço acessível, que chegam mesmo a pagar suas viagens revendendo-as a museus estrangeiros. Registrar o universo indígena tem sido o sonho de muitos pesquisadores. Cláudia Andujar começou a concretizá-lo há 20 anos, trabalhando com os Karajás, Xikrins, grupo Kaapor no Pará e

da colônia e criar várias peças utilitárias. A partir desta semana, o Museu Índia Vanuíri, de Tupã, mostra parte de sua arte, muito requisitada pelos raros turistas que a procuram no posto. Muito se tem discutido sobre a estética indígena. O Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, em colaboração com o Museu Plínio Ayrosa, do Departamento de Ciências Sociais da USP, inaugura na próxima terça-feira a mostra "Abstracionismo Geométrico na Pintura Indígena", composta por fotos de pintura corporal e cerâmica dos índios asuriní, grupo tupi-guarani. As peças, cujos motivos decorativos, segundo observação da diretora do museu, Aracy Amaral, têm cunho abstrato-geométrico, podem ter como suporte o corpo, a cerâmica, a cestaria e as armas, cujo conteúdo signico se encontra, principalmente, no domínio da natureza e na cosmologia do grupo. Vários artistas têm retratado o universo indígena, mas somente um índio, até agora, se interessou em romper seu